

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE LETRAS- PORTUGUÊS**

**POR QUE NÃO SE ESCREVE COMO SE FALA?**

**DANIELA FIORAVANTE REGINA**

**Jaguarão**

**2021**

**DANIELA FIORAVANTE REGINA**

**POR QUE NÃO SE ESCREVE COMO SE FALA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras - Português.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Aparecida Moser

**Jaguarão**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R335q Regina, Daniela Fioravante  
Por que não se escreve como se fala? / Daniela  
Fioravante Regina.  
23 p.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.  
"Orientação: Denise Aparecida Moser".  
  
1. Oralidade. 2. Norma culta. 3. Gramática. 4.  
Linguística. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**DANIELA FIORAVANTE REGINA**

**POR QUE NÃO SE ESCRIVE COMO SE FALA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português FaD, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 3 de maio de 2021.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Denise Aparecida Moser  
Orientador  
(UNIPAMPA)

---

SEI/UNIPAMPA - 0515624 - SISBI/Folha de Aprovação  
Profa. Dra. Cláudia Camerini Corrêa Pérez  
(UNIPAMPA)

---

Profa. Dra. Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MARIA DO SOCORRO DE ALMEIDA FARIAS MARQUES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/05/2021, às 08:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/05/2021, às 09:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/05/2021, às 22:22, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0515624 e o código CRC CFECC4E9.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo agradeço a Deus que me capacitou desde o início nesta jornada fantástica. Ele disse que se quisermos sabedoria que deveríamos pedir a Ele, que nos daria sem medida (TIAGO, 1.5 e 6). O Senhor além de me dar sabedoria, enviou anjos durante todo o percurso, não tem como dar nome a eles, pois foram muitos, tamanha generosidade do meu bom Deus.

Vou classificá-los em grupos de familiares, amigos, colegas da faculdade, professores e tantos desconhecidos que sem saber me ajudaram a chegar até aqui. Me emociono muito em poder lembrar e ter tantas lembranças destes anos de faculdade, onde além de aprender tanto sobre português e ensinar, aprendi lições que não estão em livros com os professores e colegas, sobre bondade, generosidade, humanidade. Meu agradecimento e reconhecimento a esses mestres que me deram muito mais do que aulas e coleguismo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
2.1	FALA E ESCRITA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	10
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>QUEM SE COMUNICA NÃO SE TRUMBICA: LINGUAGEM E PODER</b> .....	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>PALORE</b> .....	<b>14</b>
<b>6</b>	<b>GRAMÁTICAS</b> .....	<b>16</b>
<b>7</b>	<b>TÃO PERTO E TÃO LONGE</b> .....	<b>17</b>
<b>8</b>	<b>A RESPOSTA FINAL</b> .....	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>

## POR QUE NÃO SE ESCREVE COMO SE FALA?

Daniela Fioravante Regina

### RESUMO

Propomo-nos, neste estudo, analisar as origens da Linguística e a relação com a fala e escrita. Neste caminho, assumimos a humilde e, ao mesmo tempo, complexa tarefa de responder à indagação que muito nos provoca e intriga: O que nos faz cismar mais ainda por que não falar e escrever da mesma forma? Para tal, metodologicamente, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, que apoiou-se nas teorizações de autores, como Souza e Crestani (2017), Faria (2018), Ely e Snichelotto (2020), Saussure (2012), Gnerre (1991), Marcuschi e Dionísio (2005) e Possenti (1996). Com base na pesquisa bibliográfica desenvolvida, é possível enfatizar que a fala, assim como a escrita, precisam ser encaradas conforme os diferentes espaços e intencionalidades de comunicação. Podemos comparar a fala e a escrita como uma roupa que se veste com base em determinada ocasião, sendo a escrita, ainda mais ligada à norma culta quanto comparada à utilização da linguagem falada. Por fim, salientamos nossa intenção de que este trabalho contribua com a comunidade acadêmica e com os docentes da Educação Básica, uma vez que a fala e a escrita apresentam-se, ao mesmo tempo, imbricados e distantes entre si.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Gramática. Variação Linguística.

### ABSTRACT

In this study, we propose to analyze the origins of Linguistics and the relation with the speech and writing. In this way, we assume the humble and, at the same time, complex task of answering the question that provokes and intrigues us a lot: What makes us think even more why not speak and write in the same way? To this end, methodologically, a qualitative research was developed, of a bibliographic type, which was supported by the theorizations of authors, such as Souza and Crestani (2017), Faria (2018), Ely and Snichelotto (2020), Saussure (2012), Gnerre (1991), Marcuschi and Dionísio (2005) and Possenti (1996). Based on the bibliographic research developed, it is possible to emphasize that speech, as well as writing, need to be faced according to the different spaces and intentions of communication. We can compare speech and writing as a clothing that is based on a certain occasion, with writing being even more linked to the cultured norm compared to the use of spoken language. Finally, we emphasize our intention that this work contributes to the academic community and to the teachers of Basic Education, since speech and writing are, at the same time, intertwined and distant from each other.

**Keywords:** Sociolinguistic. Grammar. Linguistic variation.



## 1 INTRODUÇÃO

Eis aqui um projeto ambicioso, responder a uma questão tão simples como complexa, o porquê de não se escrever como se fala. Se é a mesma língua, se as palavras faladas se parecem tanto com as escritas, por que então na hora de escrever parece que tudo é de tal forma estranho que se torna quase antinatural escrever da maneira que conhecemos o nosso idioma de falar e ouvir? Por esse motivo é que muitos se perguntam por que não podemos escrever muito? Se falamos assim, qual a dificuldade de podermos escrever também, da mesma forma. Por mais difícil que pareça, temos que concluir logicamente o que sabemos desde os primeiros anos escolares é que a língua falada é diferente da escrita e ponto final. A questão é o porquê.

Marcuschi e Dionísio (2012, p. 9) apontam que “[...] todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.” Esta é a primeira premissa do livro que trata do ensino da língua portuguesa, da oralidade à escrita, nas salas de aula das escolas do Brasil. E de igual maneira também se adotará esta premissa neste estudo, “a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.” Logo podemos começar a compreender o porquê dessa diferença entre a forma como articulamos as palavras e de como a colocamos no papel.

Assim sendo, este artigo científico tem a pretensão de, além de alcançar e contribuir na comunidade acadêmica, também poder ser utilizado na Educação Básica, pois os primeiros a ter este questionamento são as crianças que, ao entrarem na escola, vão se deparar com a realidade inesperada, de conhecer outra língua, a língua escrita. Para poder realizar este propósito, será utilizada uma linguagem mais simples para proporcionar uma leitura fácil e agradável, algo quase impossível de se encontrar em trabalhos acadêmicos. Não se pretende escrever como no lindo poema de Antonino Sales, citado por Bagno (1999),

### *Malinculia*

Malinculia, Patrão,  
É um suspiro maguado  
Quinace no coração!  
É o grito safucado  
Duma sodadeiscundida  
Qui nos fala do passado  
Sem se tornácunhucida!

É aquilo qui se sente  
 Sem se pudê ispricá!  
 Qui fala dentro da gente  
 Mas qui não diz onde istá!  
 Malinculia é tristeza  
 Misturada cum paxão,  
 Vibrando na furtaleza  
 Das corda do coração! (...)

Este poema reflete com perfeição a forma de falar e escrever. Ao ler o poema, podemos observar muitos pontos pertinentes: de como o autor tentou escrever quase exatamente como se fala; que esta fala contém um certo regionalismo e que, mesmo com erros gramaticais que saltam aos olhos, ainda assim podemos ler e compreender o poema. O que nos faz cismar mais ainda por que não falar e escrever da mesma forma?

A partir de tais reflexões, pretendemos analisar as origens da Linguística e a relação com a fala e a escrita; pesquisar sobre escrita, fala e temas pertinentes ao trabalho; compreender os motivos que impedem que o escrever seja tal qual o falar; responder à pergunta central do trabalho: por que não se escreve como se fala?; apresentar conceitos concretos sobre fala e escrita; voltar ao passado, aos primeiros estudos sobre fala e escrita. Nesse contexto, a seguir, apresentamos o Referencial Teórico acerca da temática em questão.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 FALA E ESCRITA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este simples, porém, honrado trabalho acadêmico, tem procurado compreender um pouco do mecanismo da Linguística. Sabemos que, segundo o pai da Linguística moderna, Ferdinand de Saussure, em seu livro *Curso de Linguística Geral*: “A matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, (...) não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão.” (SAUSURRE, 2012, p. 37). De maneira geral, a Linguística é uma ciência que estuda a linguagem humana, em todos os tempos e de todos os tipos, das mais primitivas às mais sofisticadas, de imagens e símbolos a emojis em mensagens de celular. Antes, porém, valorizava-se apenas a gramática, que era vista como superior à fala, e este pensamento ainda perdura em muitos meios.

Entretanto, começou-se a dar atenção à fala e todo o contexto da oralidade, percebendo assim que a língua era muito mais e ia muito além da gramática. Tais considerações permitiram a criação da linguística, que procura estudar a totalidade da linguagem, como seus símbolos, seus códigos, usando textos do passado para compreender a evolução e manifestação da linguagem como pensamos, pelo menos, conhecer hoje.

Dessa forma, tanto a fala como a escrita, são assuntos fundamentais da Linguística. Saussure (2012, p. 31) enfatiza que a gramática, ou seja, a forma escrita da língua, apenas cria regras e normas para distinguir as formas corretas e incorretas, ou seja, ela é apenas normativa. Vale lembrar que ela é muito antiga, sendo inaugurada pelos gregos. Já a fala, Saussure (2012, p. 45) coloca que é individual, e o “indivíduo é sempre senhor.” A língua é social, mas a fala é característica de cada indivíduo.

Enfim, tendo em mente essa questão na esfera macro, podemos delimitá-la apenas em fala e escrita. E, dentro da fala e escrita, podemos pensar na relação das duas, seus limites, seus pontos de encontro e desencontros, suas histórias, e tantas outras indagações pertinentes à compreensão e resposta dessa questão fundamental: Por que não se escreve como se fala?

Diante de tantos fatos e tantas conquistas nos estudos da linguagem, podemos contar com um grande número de publicações sobre o assunto em questão, o que torna a jornada para o esclarecimento sobre o assunto ainda mais interessante, uma vez que o estudo das línguas e linguagens não é uma ciência exata. Encontramos uma vasta contribuição para chegarmos às possíveis respostas, produções estas, que serão melhor explicitadas na seção seguinte, que apontam os procedimentos metodológicos empregados neste estudo.

### **3 METODOLOGIA**

Para encontrar as respostas e formular novas ideias, adotamos uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, para podermos entender e refletir as diferenças da fala e da escrita. A abordagem qualitativa envolve a utilização de “[...] multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar seus significados.” (CHIZZOTTI, 2003, p. 2). Utilizando-se desta abordagem, a pesquisa foi desenvolvida como estratégia para compreender o assunto delineado.

O estudo, quanto aos seus objetivos, classifica-se como exploratório, pois se dedica a “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito

ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias [*sic*] [...]” (GIL, 2018, p. 41). A pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais diversos como “[...] como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos [...], bem como o material disponibilizado pela Internet” (GIL, 2018, p. 28), e constituiu o procedimento adotado para a realização desta proposta.

O presente estudo, nada ambicioso, pretende utilizar apenas alguns autores que trazem respostas de maneira mais objetiva para a melhor compreensão de todos que lerão este trabalho. São eles: Marcuschi e Dionísio com o livro “Fala e Escrita”, Saussure com o “Curso de Linguística Geral”, o livro “Linguagem, Escrita e Poder” de Maurizio Gnerre, “Por que (não) ensinar gramática na escola?” de Sírio Possenti, além de alguns artigos científicos publicados entre os anos de 2017 e 2021, isto é, no intervalo dos últimos cinco anos.

Tais produções foram selecionadas na plataforma do Google Acadêmico através da ferramenta de pesquisa avançada, na qual delimitamos o intervalo de tempo mencionado e as palavras-chave para a pesquisa de artigos pertinentes ao assunto, sendo elas: fala; escrita; gramática. Dos trabalhos encontrados, selecionamos os seguintes materiais bibliográficos, apresentados no Quadro 1:

Quadro 1 – Artigos selecionados

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Ano de publicação</b>
A dicotomia de Ferdinand de Saussure sintagma x paradigma e suas contribuições para processo de desenvolvimento da linguagem das crianças.	- Daiane Rabelo de Souza; - Leandro Araújo Crestani.	-2017
Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure	-Núbia Rabelo Bakker Faria	-2018
Construções condicionais do português brasileiro escrito: uma perspectiva de gramática baseada no Uso	-Leyla Ely; -Cláudia Andrea Rost -Snichelotto.	-2020

Fonte: Autora(2021)

Os referidos autores e suas obras trazem grandes possibilidades para muito além de chegar a uma resposta, mas também de fazermos uma reflexão e um despertar para uma paixão pela comunicação humana e seus mecanismos, fala e escrita.

#### 4 QUEM SE COMUNICA NÃO SE TRUMBICA: LINGUAGEM E PODER

Esta seção aborda outra questão essencial referente à Linguística e sua articulação com as relações de poder. Para fundamentar teoricamente essa discussão, apoiamo-nos no livro produzido por Gnerre, intitulado "Linguagem, escrita e poder".

O referido autor inicia sua obra com esta enfática afirmação:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre outras ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. (GNERRE, 1991, p. 5).

Nesse sentido, podemos compreender que a linguagem representa muito além de palavras e signos linguísticos, uma vez que manifesta diferentes poderes de respeito, autoridade, influência e escuta. As relações entre linguagem e poder manifestam-se cotidianamente na vida das pessoas, ao longo dos diferentes espaços e posições sociais ocupadas.

Gnerre (1991), com o intuito de se fazer mais claro em suas colocações, exemplifica algumas situações em que tais relações de poder e linguagem podem ser nitidamente observadas. Nesse sentido, podemos compreender que a linguagem representa muito além de palavras e signos linguísticos, uma vez que manifesta diferentes poderes de respeito, autoridade, influência e escuta. As relações entre linguagem e poder manifestam-se cotidianamente na vida das pessoas, ao longo dos diferentes espaços e posições sociais ocupadas.

Para Gnerre (1991, p. 6), "[...] os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão na igreja, aula, etc." Especialmente nesses contextos e nos demais espaços cotidianos, as comunicações linguísticas adquirem valor e poder discursivo ao se considerar a relação social e econômica entre os falantes e os ouvintes.

Outra relação com o poder e a linguagem se refere a norma culta ou padrão da língua, que trata de um sistema comunicativo dominado por uma parcela muito restrita da população e está associado, principalmente, à tradição escrita nacional que contempla os interesses e poderes da elite dominante no Brasil. Como a maioria do povo brasileiro não tem acesso a uma educação de qualidade, tem-se como resultado a dificuldade de comunicação linguística e participação social e política.

Isso se dá em razão dos cidadãos que, "[...] apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida." (GNERRE, 1991, p. 10), por não compreenderem efetivamente o significado constituído nestes documentos oficiais. O poder das palavras, assim, acaba por fortalecer os preconceitos relacionados à maneira como falam e legitimar a importância de uma variedade culta em detrimento das demais manifestações linguísticas.

O poder das palavras é enorme, especialmente o poder de algumas, talvez poucas centenas, que encerro em cada cultura, mas notadamente nas sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificadas pelas classes dominantes. (GNERRE, 1991, p. 20).

A Linguística dá voz ao poder das classes sociais privilegiadas em virtude de assumir uma perspectiva linguística culta e profundamente distante dos demais falantes da língua, o que exigiria um amplo estudo para a construção de conhecimentos que tornem possível a compreensão e a produção de textos envolvidos no nível sócio-político. Desse modo, a complexidade gramatical e sintática da língua interfere na democratização do acesso à cultura e ao meio social e político do Brasil.

Por fim, é preciso ressaltar que a tradição tradicional acerca da língua restringe sua relevância às estruturas linguísticas escritas. Esse fator histórico e social, sem dúvida, produz muitos efeitos negativos na comunicação linguística, visto que desconsidera aspectos como o sotaque, dialetos locais e regionais, bem como outras características relacionadas às variedades linguísticas dos falantes da Língua Portuguesa. Assim, o contexto real e cotidiano precisa de reconhecimento para englobar todas as manifestações linguísticas da população. A seguir, a seção intitulada “Palore” discute as implicações da fala e concepções relacionadas a mesma e a língua.

## **5 PALORE**

Esta seção aborda a fala e suas interlocuções com a língua, levando-se em consideração que “[...] entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, todos reproduzirão [...] os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos.” (SAUSSURE, 2012, p. 44). Embora a língua seja manifestada a partir de tais sistemas de signos, a comunicação linguística acontece de forma “[...] sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (palore).” (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Nesse sentido, a fala deve ser compreendida a partir das combinações linguísticas realizadas pelos falantes ao expressar seus pensamentos e comunicar-se com os demais e, também, com base nas capacidades psicofísicas que permitem aos sujeitos tornarem-se falantes. Portanto, o estudo da linguagem contempla a análise da língua, social e afetada pelo contexto de vida das comunidades e o estudo da fala, sendo que ambas se relacionam.

Saussure (2012, p. 51) que “[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes.”. Assim, a fala inicia-se desde as primeiras interações das crianças com sua língua materna, através da comunicação do meio familiar e do ambiente e, aos poucos, as experiências são internalizadas e expressadas pela fala.

Portanto, a fala “[...] começa desde o nascimento quando os bebês emitem os primeiros sons e expressões e, com o passar do tempo, começam a observar ao seu redor, ouvindo e vendo os adultos, e assim, passam a imitar as pessoas que estão próximas.” (SOUZA; CRESTANI, 2017, p. 7). As crianças, antes de ingressarem na escola, dominam a fala que aprenderam em sua realidade e nas comunicações que realizaram, tendo a escola a função de auxiliá-las a construir o processo de aquisição da língua escrita, em que manifestam também as variantes apresentadas na oralidade.

Por isso, “[...] a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 9). À escola cabe ensinar aos alunos a norma padrão e culta da Língua Portuguesa, com o intuito de que passem a dominá-la, desconsiderando, muitas vezes, as variações linguísticas que os falantes trazem consigo.

Nesse sentido, muitas instituições escolares reforçam a predominância da língua formal e provocam a desvalorização das demais variedades linguísticas presentes nas diferentes comunidades de fala constituintes da diversidade social e cultural brasileira. Cabe destacar, nesse contexto, as contribuições de Labov (2008) acerca da Sociolinguística Variacionista, teoria que considerou não somente os aspectos linguísticos, mas os fatores extralinguísticos relacionados à geografia, história, gêneros, nível de escolaridade, religiões, dentre outros.

A partir dessa perspectiva, Andrade (2012, p. 541) defende que as variações linguísticas apresentam-se de forma múltipla e articulada:

As diferenças geográficas são mais marcantes em termos da pronúncia e do vocabulário. [...] A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou

por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo, e assim por diante.

Com base nessas teorizações, é possível perceber que existem diferentes falares, dialetos e variações específicas de cada contexto e cada uma dessas variações deve ser reconhecida. Mesmo perante tanta diversidade, ainda muitas escolas brasileiras priorizam o ensino de uma norma culta da língua o que, muitas vezes, pode fortalecer os preconceitos linguísticos e sociais associados às variações utilizadas pelas comunidades de fala.

Ouso, “[...] pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.” (SOARES, 1989, p. 17). O fato é que os falantes não têm, no espaço escolar e na sociedade em geral, espaço de valorização e respeito por suas variantes linguísticas.

A seção 6, apresentada na sequência, trata das relações entre a gramática e a fala, isto é, como tais questões se assemelham e diferenciam, ao mesmo tempo.

## 6 GRAMÁTICAS

Diferentemente da fala que prevê inúmeras variações conforme as comunidades de fala, a escrita e o erro “[...] é visto de outra maneira, uma vez que a escrita deve obedecer a um código convencionado que não prevê variação.” (PAULA, s/d, p. 2). Assim, desde seu nascimento, a criança aprende a falar da mesma forma que as demais pessoas de sua família e convívio social se expressam, já que o contexto linguístico é um fator fundamental no processo de variação da língua.

Ao ingressarem nas escolas, deparam-se com a aprendizagem da norma culta da língua materna, que não contempla todas as multiplicidades linguísticas em suas práticas educacionais. O processo de alfabetização defende a escrita formal e gramaticalmente correta, às vezes, sem considerar a diversidade de fala. Não se pode desconsiderar que a fala e a escrita constituem dois sistemas diferentes da língua e que a escrita apenas têm como função a representação da fala, entretanto, ao invés de ser vista como coadjuvante, a escrita assume o papel principal na língua (SAUSSURE, 2012).

É importante mencionar que Saussure refere-se, especialmente, a dois sistemas de escrita: ideográfico e fonético. O primeiro organiza-se a partir da representação de uma palavra através de um único signo, distanciando dos sons emitidos na pronúncia das palavras.



Já o segundo sistema “[...] visa reproduzir a série de sons que se sucedem na palavra.” (SAUSSURE, 2012, p. 60), sendo tanto silábicas quanto alfabéticas.

Como nos inserimos no sistema fonético, a língua falada é representada pelos signos do alfabeto que lhe representam. Mas será que se escreve como se fala? Logicamente, há muitas questões que merecem ser consideradas para responder tal problematização e pensar as causas entre gramática e a pronúncia, mas o fato é que quando a criança inicia seu processo de aprendizagem da escrita, tende a reproduzir os signos conforme desenvolve sua fala em seu contexto familiar e social.

No entender de Gnerre (1991, p. 08), “[...] associar a uma variedade linguística a comunicação escrita implica iniciar um processo de reflexão sobre tal variedade e um processo de ‘reelaboração’ da mesma [...]. Escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar.” É em razão disso que alguns educandos apresentam tantas dificuldades no princípio de seu processo de escolarização, pois sentem-se distantes de sua realidade de fala, tendo de adaptar sua linguagem ao padrão exigido pela norma culta.

Assim, “[...] nos seus primeiros anos no ensino fundamental, prossegue-se a aquisição de conhecimento, onde aprendem as primeiras letras do alfabeto, seus sons, suas estruturas silábicas, e assim, iniciarem a construção das primeiras palavras e a sua gramática.” (SOUZA; CRESTANI, 2017, p. 7). Ao exigir a utilização da norma culta da língua, a escola pode gerar efeitos negativos nos falantes das diferentes variedades linguísticas, podendo, inclusive, causar situações de preconceito ou discriminação.

A diferenciação entre as variedades da língua e a norma padrão é intensa, visto que a língua culta é mais associada à escrita e à história gramatical da hegemonia de uma camada restrita da população. Nesse sentido, é essencial que a escola, embora ensine a norma padrão da língua, valorize e respeite as especificidades dos falantes. Assim, os alunos, ao longo de seu processo de aprendizagem da escrita, podem “[...] estar em contato com as formas que coloquialmente não usa, e saber usá-las em situações formais.” (PAULA, s/d, p. 4).

A seguir, a seção “Tão perto e tão longe” retrata o quanto a fala e a escrita apresentam-se em relação de aproximação e distanciamento em nossa língua.

## **7 TÃO PERTO E TÃO LONGE**

Com algumas aproximações já construídas acerca da fala e da escrita, esta seção apresenta algumas problematizações relacionadas às diferenças entre tais aspectos da língua. As produções de Marcuschi e Dionísio (2005), no livro “Fala e Escrita”, Possenti, em sua

obra “Por que (não) ensinar gramática na escola?” (1996), além dos artigos desenvolvidos por Faria (2018) e Ely e Snichelotto (2020), constituem a fundamentação desta discussão.

A obra desenvolvida por Marcuschi e Dionísio (2005) se trata de um guia didático elaborado pelo Ministério da Educação, em parceria com a Universidade de Pernambuco e alguns de seus pesquisadores do campo da Linguística. Sua principal finalidade didática se direcionou para uma análise aprofundada entre a fala e a escrita, visto que “[...] a distinção entre fala e escrita vem sendo feita, na maioria das vezes, de maneira ingênua e numa contraposição simplista.” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p. 67).

Cada uma das oito unidades traz diversas atividades teórico-práticas para incentivar a reflexão acerca da fala e da escrita nos diferentes contextos do cotidiano. Ao assumir que ainda existem muitos preconceitos com a fala e a desvalorização de sua função para a língua, os autores salientam inúmeras situações diárias que nos utilizamos da fala para nos comunicar com familiares, colegas, amigos, desconhecidos, fazer ligações, cantar e fazer outras atividades.

Com isso, “[...] mesmo vivendonuma sociedade em que a escrita entrou de forma bastante generalizada, continuamos falando mais do que escrevendo.” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p. 8). Ainda com relação à fala, os autores pontuam que esta acontece de forma espontânea, livre e em tempo real, seja em contextos informais e/ou formais de uso, presenciais ou a distância através dos recursos tecnológicos.

É indiscutível que fala e escrita têm suas próprias diferenciações e especificidades de uso e manifestação comunicativa, porém, não se pode admitir que ambas encontram-se em total oposição e contrariedade. Desse modo, é preciso salientar que “[...] tanto a fala como a escrita podem se realizar na variedade padrão e não-padrão, no nível formal e informal. É claro que isto se revela em características lingüísticas muito específicas.” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005, p. 21).

Outro ponto em comum evidenciado por Marcuschi e Dionísio (2005, p. 54) diz respeito à interatividade no uso da língua, aspecto intrínseco tanto à fala quanto à escrita, uma vez que “[...] a interatividade é uma propriedade geral de todo e qualquer uso da língua, pois ninguém escreve/fala sem ter em mente um leitor/ouvinte. Dessa forma, postula-se que os chamados indícios de interatividade estão presentes não apenas na fala, mas também na escrita.” Assim, a interatividade mostra-se como um fator presente nas diferentes formas de comunicação.

O pesquisador Sírio Possenti (1996) defende que o papel da escola, sem dúvida, é ensinar a língua padrão. Para sustentar seu ponto de vista, desconstrói algumas concepções contrárias à tal afirmação: ao salientar o problema referente aos alunos que conhecem apenas suas variantes informais de uso, defende que a língua padrão é, justamente, um caminho para tornar mais democrático o acesso à norma culta da língua; contra a tese de que a língua padrão é de difícil aprendizagem, o autor argumenta que esta questão está articulada a um olhar restrito de que os alunos das camadas populares não teriam capacidade de se apropriar da gramática.

Quanto à primeira questão, o autor esclarece que um grande equívoco é a incapacidade de se “[...] perceber que os menos favorecidos socialmente só têm a ganhar com o domínio de outra forma de falar e escrever. Desde que se aceite que a mesma língua possa servir a mais de uma ideologia, a mais de uma função, o que parece hoje evidente.” (POSSENTI, 1996, p. 14). Em relação ao segundo ponto, “[...] qualquer pessoa, principalmente se for criança, aprende com velocidade muito grande outras formas de falar, sejam elas outros dialetos ou outras línguas, desde que expostas consistentemente a elas.” (POSSENTI, 1996, p. 15).

Portanto, perante as duas problemáticas levantadas contra a aprendizagem e o ensino da gramática na escola, o autor apresenta argumentos e fundamentações consistentes que destacam a função da escola enquanto uma instituição capaz de apresentar aos alunos das camadas populares outras formas de comunicação de acordo com a norma culta. Dessa forma, os educandos podem utilizar as variantes informais e formais conforme as diferentes demandas de utilização comunicativa.

Para Possenti (1996), como a fala e a escrita se relacionam e se diferenciam? A fala não é ensinada na escola, pois a língua materna se aprende desde o nascimento e, ao ingressar na escola, a criança já domina a variante linguística falada em seu ambiente e conhece muitas estruturas gramaticais complexas que as permitem formular frases e expressões com sentido. Assim, a desvalorização dos dialetos por parte da escola é uma situação cientificamente contraditória, visto que os falantes das variantes padrão ou não padrão da língua são igualmente capazes de comunicar-se.

Na perspectiva defendida no livro “Por que (não) ensinar gramática na escola?”, a fala apresenta-se em toda a sua variedade e riqueza, devendo ser recebida com acolhimento e valorização pela escola, ao passo que a escrita é ensinada, predominantemente, a partir da língua escrita padrão, sem desconsiderar os dialetos de cada aluno e sua influência no processo de aprendizagem.

O artigo “Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure” parte do pressuposto de que é extremamente desafiador definir cada um dos conceitos de fonema, letra, fala, escrita e língua, uma vez que encontram-se fortemente relacionados (FARIA, 2018). Percebe-se que, a partir dos autores utilizados, dentre eles Saussure e Milner, a pesquisadora possui o seguinte entendimento da escrita:

Observa-se que a reconstrução se faz pela escrita que toma o fonema por letra, sem que essas formas/fórmulas possam ser faladas. Se essa escrita não corresponde a uma fala (não há nela qualidade positiva), mas apenas a possibilidade de registro da diferença, pouco importa que ela se constitua de algarismos (FARIA, 2018, p. 866).

Nesse sentido, a escrita representa os fonemas por meio de letras, cujo registro não é, necessariamente, falado pelas pessoas. Mesmo assim, a autor enfatiza o quanto a escrita ainda é tida como predominante na sociedade, entretanto, salienta que, no caso dos estudos linguísticos, o mesmo não acontece, visto que a fala e o uso cotidiano da língua são aspectos igualmente reconhecidos no processo de comunicação e da linguagem.

Outro artigo selecionado neste trabalho foi o trabalho intitulado “Construções condicionais do português brasileiro escrito: uma perspectiva de gramática baseada no Uso”, produzido por Ely e Snichelotto (2020). Escrita e fala: como os autores concebem ambas? Fundamentados na Gramática de Construções Baseada no Uso, os pesquisadores entendem a língua enquanto um processo de construção e de correspondência entre forma e significado (ELY; SNICHELOTTO, 2020).

Nesse sentido, percebeu-se que os falantes participantes do estudo comunicaram-se conforme aspectos tanto formais quanto nos funcionais da língua, “[...] uma vez que se entende a gramática enquanto construção (pareamento simbólico entre forma-significado).” (ELY; SNICHELOTTO, 2020, p. 130). Portanto, nesse perspectiva teórico-metodológica, a relação com o contexto, intencionalidade, tempo e outras questões é fundamental para entender que escrita e fala se constroem no uso cotidiano da língua.

Embora apresentem propostas metodológicas diferenciadas, os dois manuscritos concebem a fala e a escrita como processos linguísticos diferenciados entre si, que possuem peculiaridades e pontos de encontro. As discussões realizadas no decorrer desta seção servem de embasamento para responder ao problema de pesquisa proposto neste estudo.

## 8 A RESPOSTA FINAL

Propomo-nos, neste estudo, a analisar as origens da Linguística e a relação com a fala e escrita. Nesse caminho, assumimos a humilde e, ao mesmo tempo, complexa tarefa de responder à indagação que muito nos provoca e intriga: O que nos faz cismar mais ainda por que não falar e escrever da mesma forma? Eis, nesta seção, a possibilidade de apresentar a resposta final para esta questão, pelo menos, as investigações que os limites deste singelo Trabalho de Conclusão de Curso nos permitiram construir.

As variedades linguísticas são múltiplas em virtude da pluralidade cultural, social, econômica e étnica do nosso país, o Brasil. É inegável a importância que os diferentes falantes e suas respectivas comunidades de fala possuem para a construção e desenvolvimento da comunicação através da língua materna, isto é, a Língua Portuguesa. Por isso, percebemos uma intensa diversidade de dizeres, dialetos, regionalismos e variantes que conferem à língua essa riqueza.

A fala, profundamente implicada com as variantes linguísticas apropriadas pelos sujeitos em seu contexto vivido, não deve ser menosprezada em função de classe ou posição social, devendo ser reconhecida e valorizada. Entretanto, com base na pesquisa bibliográfica desenvolvida até aqui, é possível enfatizar que a fala, assim como a escrita, precisam ser encaradas conforme os diferentes espaços e intencionalidades de comunicação, sejam em momentos formais ou informais de uso da língua.

Podemos comparar a fala e a escrita como uma roupagem que se veste com base em determinada ocasião, sendo a escrita, ainda mais ligada à norma culta quanto comparada à utilização da linguagem falada. Mesmo que a norma padrão da língua apresenta inúmeras controvérsias e problemáticas que merecem atenção, não cabe nos limites deste trabalho discuti-las, apenas lembrar que tais problemas, embora existam, não devem impedir a utilização da língua padrão nos momentos que a exigem.

Por fim, reafirmamos nossa intenção de que este trabalho contribua com a comunidade acadêmica e com os docentes da Educação Básica, uma vez que a fala e a escrita apresentam-se, ao mesmo tempo, imbricados e distantes entre si. Espera-se, portanto, que o presente escrito seja encarado positivamente como um material produtivo para pensar a respeito da língua e seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. C. A. Variação linguística no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Eventos Pedagógicos**, Cuiabá, v. 3, n. 1, Número Especial, p. 537-546, abr. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/590/405>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- BEZERRA, Francinalva Andrade. Os diferentes conceitos de gramática nos estudos linguísticos. **Letra Magna**, n. 17, p. 1-15, 2013. Disponível em: [http://www.letramagna.com/17\\_5.pdf](http://www.letramagna.com/17_5.pdf). Acesso em: 30 nov. 2020.
- CRUZ, Carlos Maurício da. A análise morfossintática e o estudo dos sintagmas sugestões metodológicas. **Palimpsesto**, n. 19, p. 399-413, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/34951/24689>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- ELY, Leyla; SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost. Construções condicionais do português brasileiro escrito: uma perspectiva de gramática baseada no uso. **Working Papers em Linguística**, v. 21, n. 1, p. 128-150, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p128>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- FARIA, Núbia Rabelo Bakker. Entre a leitura da fala e a escrita da língua: o fonema em Saussure. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 3, p. 861-890, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502018000300861&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502018000300861&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 13 mar. 2021.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. **O. Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. A mudança linguística, a gramática e a escola. **PerCursos**, v. 18, n. 37, p. 63-91, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618372017063>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PAULA, Áquila Elisiário Silva. **Linguagem e escrita**: a influência da fala e do meio social na utilização da variedade padrão em textos escritos. Brasil Escola, São Paulo, s. d. Disponível em: <https://bityli.com/S67RM>. Acesso em: 11 abr. 2021.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p., Coleção Leituras do Brasil.

QUAREZEMIN, Sandra. Ensinar Linguística na Escola: um confronto com a realidade. **Working Papers em Linguística**, v. 18, n. 2, p. 69-92, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n2p69>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA, Daiane Rabelo de. CRESTANI, Leandro Araújo. A dicotomia de Ferdinand de Saussure sintagma x paradigma e suas contribuições para processo de desenvolvimento da linguagem das crianças. *In*: ENCONTRO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. 13., São Lourenço/MG, 2017. **Projetos**. São Lourenço/MG: Fasul, 2017. Disponível em: [https://www.fasul.edu.br/projetos/app/webroot/files/controle\\_eventos/ce\\_producao/20171024-201950\\_arquivo.pdf](https://www.fasul.edu.br/projetos/app/webroot/files/controle_eventos/ce_producao/20171024-201950_arquivo.pdf). Acesso em: 07 abr. 2021.